

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

— “PONTOS DE GRAMÁTICA HISTÓRICA” — Ismael de Lima Coutinho — 3.^a ed., revista e aumentada, Livraria Acadêmica, Rio, 1954 - 374 pp., Biblioteca Brasileira de Filologia - n.º 4.

A obra, como as edições anteriores, vem prestar grande serviço aos estudiosos do Vernáculo. É bem sentida a ausência de gramáticas históricas, para não citar a de J. J. Nunes, agora em 4.^a edição, a qual presta mais serviço nas mãos do professor que nas do aluno bisonho. Parece que muito difundida é a de Eduardo Carlos Pereira, mas antiquada quase totalmente como outras. A de M. Said Ali, excelente sob muitos aspectos, é deficiente em outros. Não citaremos as demais, não menos deficientes, por servirem a programas oficiais. A de Ismael de Lima Coutinho, subordinada, nas edições anteriores, ao programa do curso secundário de outrora, achava-se todavia ampliada em vários capítulos. Apesar do valor que se reconhece na obra, está a mesma empanada com alguns pequenos senões que bem poderiam não vir repetidos nesta edição. O A. afastou-se durante anos das lides magisteriais e dos estudos lingüísticos, de modo que o retrato atual é, infelizmente, quase o mesmo de outrora.

Respigamos aqui e ali algumas passagens que, segundo o nosso parecer, não condizem com as demais:

Na introdução, o A. não distingue suficientemente a disciplina que estuda comparativamente dois ou mais idiomas da que se dedica aos fenômenos gerais a todas as línguas.

P. 137 - § 189 — “Três são as leis fonéticas que presidiram à evolução das palavras portuguesas: 1) Lei do menor esforço.” “É uma lei universal esta, cujo domínio se estende a todos os ramos da atividade humana”.

— A lei do menor esforço é, sim, universal, e se estende a todos os ramos da atividade humana, mas não é fonética. O erro vem de longe, para só citar E. C. Pereira que a denomina lei glótica (§ 90 da 2.^a ed., 1919, “Gram. Hist.”).

P. 112 — *Palu* > *pau*. E’ evolução que se não realizou. O -u, final, latino, passa a -o. Como, então, se tem *pan*? Faz-se mister explicá-lo.

P. 144 — § 199 — Na definição do abrandamento anota o A. que “melhor se diria sonorização”.

— São dois fenômenos diversos, se bem que freqüentemente coincidentes.

P. 144 - § 200 — “Vocalização é a conversão de uma consoante numa vogal”.

— É modo tolerável de dizer, pois, realmente, há semivocalização. Não se dá a conversão de uma consoante numa vogal, mas numa semivogal.

P. 144 — § 201 — “Consonantização é a transformação de um som vocálico num consonantal”.

— Deve ser — transformação de fonema semivocálico em consoante.

P. 146 - § 217 — Dever-se-ia registrar que o fenômeno da apofonia é verificável dentro do latim e não do latim para português.

P. 148 - § 223 — Não basta dizer que o -s é analógico em antes.

Requer revisão o breve parágrafo 273 referente à raiz. Na verdade só se concebe raiz pré-históricamente — é o mesmo que vocábulo ou palavra, an-

tes de se constituírem as famílias lingüísticas. É raiz, p. ex., a preposição de na pré-história, e que se manteve inalterada até hoje. É raiz tanto, p. ex., reg- como o morfema -s que se lhe juntou. Pode ser raiz qualquer palavra, mesmo as onomatopéias ou as interjeições.

Sincronicamente (ou imprópriamente), raiz é o elemento primário da palavra, despojado de qualquer adjunção ou modificador. Neste caso, p. ex., é raiz com- em comer, mas não o é diacronicamente, porque neste caso, com- possui outra idéia, a de seu ascendente com-edere. E o -s, p. ex., característica de nominativo latino, não é atualmente raiz; apenas morfema.

P. 196 - § 317 — Ibéricas. — O A. cita “origem euscara” sem esclarecer que tal denominação é sinônimo de “basco.”

Recentemente encaram os especialistas o vocábulo arroio como latino —*ruga*— com adjunção de a- — *arrugia* — conforme tendência fonética basca. Cp. basco *arrosa*, “rosa”, *arroba*, “roubar”; etc.

P. 198 - § 323 — Árabes. — A influência do árabe no port., contrariamente à opinião do A. e de outros, foi, sim, muito vasta, em todos os âmbitos da atividade humana. Numerosos exemplares são hoje obsoletos; designavam outrora fatos e coisas que vieram a desaparecer. “Ela [a influência da língua árabe] se limitou quase exclusivamente ao vocabulário”. Que mais queria o Autor? Se assim não fôsse, já não existiria a língua portuguesa!

P. 217 - § 346 — Errada é a definição de arcaísmo — “palavras, formas ou expressões que, por velhas, deixaram de ser usadas”. — Quantos vocábulos velhos existem que ainda são empregados! Velhíssimos não por terem ascendência latina, mas indo-européia e até pré-indo-européia, e, no entretanto, ninguém os despreza!

Não foi por êsses e outros senões que deixaríamos de recomendar aos nossos alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná a “Gramática Histórica” do dr. prof. Ismael de Lima Coutinho. A obra, na verdade, merece o acatamento de todos os professores de Português e de todos os estudiosos e estudantes.

R. F. Mansur Guérios.

“PRINCÍPIOS DE LINGÜÍSTICA GERAL COMO INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SUPERIORES DA LÍNGUA PORTUGUESA”, J. Mattoso Câmara Jr., 2.ª ed., revista e aumentada, Livraria Acadêmica, Rio, 1954, Biblioteca Brasileira de Filologia — n.º 5, 336 pp.

O prof. Joaquim Matoso Câmara Júnior é indiscutivelmente, no Brasil, o primeiro estudioso de Lingüística Geral; primeiro cronologicamente, e único em apresentar em volume as conquistas científicas nesse domínio do espírito humano. Mesmo que se conte com Portugal, qual é o nome que se lhe iguala?

As lições de Lingüística do prof. Câmara Júnior foram primeiramente publicadas na “Revista de Cultura”, do Rio, em 1939-1941, e depois, melhoradas e ampliadas, apresentaram-se em volume com o mesmo título acima, editado por F. Briguiet & Cia., Rio, 1942.

Como filólogo, Matoso Câmara Jr. brindou-nos com valiosos estudos: “A Alternância Portuguesa Fui : Foi” na “Revista de Filologia Hispânica”, ano I, v. III, reproduzido na “Revista de Cultura”, n.º 201, set. de 1943; “Um Caso de Regência”, inserto na “Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali”, Rio, 1938, ampliado, com o mesmo título, na “Revista de Cultura”, n.º 211, julho, 1944; “O Estilo Indireto Livre em Machado de Assis” in “Miscelânea de Estudos em Honra de Antenor Nascentes”, Rio, 1941; etc.

Estêve nos Estados Unidos onde se especializou em glotologia indo-européia, psicologia da linguagem, fonética experimental e sânscrito. Desta língua publicou na "Revista de Cultura" (1945) várias "Notas Gramaticais de Sânscrito".

Tendo conhecimento, de visu, das atividades dos especialistas estadunidenses e dos estrangeiros que lá cooperam, deu-nos a conhecer, através de um opúsculo — "Os Estudos Lingüísticos nos Estados Unidos da América do Norte", ed. do Museu Nacional, 1945.

Um dos redatores do "Boletim de Filologia", do Rio, escreveu aí varios estudos — "Sôbre as Consoantes Palatalizadas" (n.º 4, 1946); "Os Estudos Lingüísticos Regionais" (n.º 5, 1947); "Sôbre a Classificação das Palavras" (n.º 6, 1947); "Quincas Borba e o Humanitismo" (n.º 7, 1947); "Para o Estudo da Fonémica Portuguêsa — Os Fonemas em Português" (n.º 9, 1949); "Para o Estudo da Fonémica Portuguêsa — Fonética e Fonémica" (n.º 10, 1949); etc. Estas duas últimas colaborações são capítulos da tese com que Matoso Câmara Jr. obteve o grau de doutor em Letras Clássicas na Faculdade Nacional de Filosofia, em 1949. Essa tese foi digna de sair à luz — "Para o Estudo da Fonémica Portuguêsa" — Rio, 1953, graças à Organização Simões. Nesta mesma editôra e no mesmo ano, apareceu a 2.ª ed., ampliada, da "Contribuição à Estilística Portuguêsa", tese com que alcançou o A. a livre docência de Língua Portuguêsa na Faculdade Nacional de Filosofia, em 1952.

É auspicioso que, na Universidade do Brasil, já exista e funcione a cátedra de Lingüística, tão necessária nos cursos de letras, e mais auspicioso é saber que na regência dela se acha, digna e merecidamente, desde 1948, o prof. Joaquim Matoso Câmara Jr.

A 2.ª edição dos "Princípios de Lingüística Geral", mais do que a 1.ª, é obra imprescindível a qualquer biblioteca especializada, necessária não só aos professores de Português, mas aos professores de qualquer língua, indispensável aos alunos das faculdades de letras, e a todos os não-especialistas ou curiosos que queiram ter uma visão ampla e nítida dos fenômenos lingüísticos.

Temo-la recomendado aos nossos alunos de Curitiba, dos três cursos de letras, porém não para embelezar a biblioteca, senão para manuseada, estudada e meditada frequentemente. E antes de se darem, p. ex., ao conhecimento do "Cours de Linguistique Générale" de Ferdinand de Saussure, dêem-se inicialmente ao estudo dessa obra do autor patricio.

São capítulos do livro (e com diversos sub-capítulos): Conteúdo e escopo da Lingüística; os fonemas ou unidades da fonação; sílaba e vocábulo fonético; as unidades significativas; os tipos de morfemas; o estudo das significações lingüísticas; a categoria de gênero; a categoria de aspecto; as vozes verbais; as espécies de vocábulos; a frase e sua estrutura; modalidades da frase; classificação das línguas para fins descritivos; classificação tipológica das línguas; conceito da evolução lingüística; a evolução fonética e suas causas; os aspectos da evolução fonética; as leis fonéticas; empréstimo e sua amplitude; aspectos lingüísticos e sociais do empréstimo.

Deveria o A. tratar também da categoria de número, e não seria menosprezível abicar a origem da concordância. Indispensável em obra desta natureza é apreciar criticamente, com Henri Delacroix e Karl Bühler, a insuficiência da dicotomia saussureana língua e discurso. Bühler, na "Teoría del Lenguaje", Madri, 1950 (tradução de "Sprachtheorie", Iena, 1934) admite uma tetralogia: ação verbal ("Sprechhandlung"), forma lingüística

("Sprachgebilde"), **produto lingüístico** ("Sprachwerk") e ato verbal ("Sprechakt").

Independente da classificação das línguas para fins descritivos, deveria o A. consagrar um capítulo à classificação genética, como tal. Parece, todavia, que o A. a subestima, uma vez que na genealogia se tem de defrontar com **parentesco** (isto só de passo é referido à p. 285 e nota 184), expressão que, talvez, como **família**, lhe é desacreditada. Em vez desta, usa **bloco**, a qual denominação, tradução do ingl. **stock**, não pode fazer ou não faz equação com **família**. Por outro lado, embora ainda não esteja suficientemente conceituado o termo **família**, e outros símiles, congêneres, de criação recente e necessários, é ele amplamente empregado, mesmo que tenha origem na concepção biológica dos velhos investigadores. Ficou sendo metáfora, e não há ciência que não a tenha em sua nomenclatura. A propósito, lembraremos a designação **biologia lingüística** vigente entre os investigadores da **geografia lingüística**, e ninguém a confundirá com qualquer fenómeno de natureza verdadeiramente biológica. E a **geografia lingüística**, todos sabemos, é mais lingüística do que geografia, donde também a designação de **geolingüística**. E aqui se fala ainda em **geologia lingüística**.

A p. 280, § 125, parece-nos que há um engano ou não está explicado um tópico como deve ser: "Anàlogamente o "xim" e o "jim" árabes perderam em espanhol o seu caráter gutural e foram sentidos como equivalentes das chiantes românicas [x e j] respectivamente".

Há, sim, **gutural** ou **velar** que evoluciona para **palatal**, mas isto dentro da história do próprio árabe.

Em continuação àquilo, confesso não vejo clareza: "Entwistle cita a propósito a pronúncia árabe do lat. **sapone-**, reintroduzido com esta pronúncia em espanhol. A forma de proveniência árabe que se fixou em velho-espanhol foi **xabón**", com **x = ch port.**

Por tais observações, perdoe-nos o prof. Matoso Câmara Jr., mas elas se externam com espírito lealdoso, e não ofuscam, absolutamente, o halo com que veio coroado tão prestimoso livro. Reverencio a Faculdade Nacional de Filosofia por abrigar no seio tão eminente professor, cuja obra há de trazer benefícios inúmeros às ciências lingüísticas nacionais.

R. F. Mansur Guérios.

"INFLUENCIAS ESLAVICAS NA LÍNGUA PORTUGUESA" — A. G. Cunha — Plano de um Dicionário Etimológico — separatas dos vols. VI (1953) e VII (1954) da "Revista da Academia Fluminense de Letras".

Folheando as páginas dessas separatas, a impressão que se tem imediatamente, é que se está perante um autor de grandes cabedais lingüísticos e muito apto para tratar do tema que se propôs. De fato, após a leitura, fica-se convencido que Antônio Geraldo da Cunha está capacitado para levar a cabo essa descomunal tarefa, dicionarizando os termos eslavônicos que, por vários meios, tiveram entrada no Vernáculo. O dicionário é um dos conteúdos dessa "Revista" no volume VIII, a sair.

Tais títulos abarca a separata do vol. VI: Introdução — Generalidades — Os vocábulos portugueses de origem eslávica — Considerações gerais — Qualificação dos étimos eslavicos — Naturalização e difusão dos vocábulos portuguesa — Tratados de Línguas Estrangeiras (românicas, germânicas e tados) — Pronúncia figurada — Categorias gramaticais (nomenclatura) — Cronologia das variantes — Definições — Estudo enciclopédico — Passos abonatórios (textos e edições) — Processo de indicação das datas dos textos

abonatórios — Considerações gerais — Etimologia — Tratados de língua portuguesa — Tratados de Línguas Estrangeiras (românicas, germânicas e eslavicas) — Derivados — Compostos.

Na parte final há uma amostra, o verbete **boiardo**, pela qual se poderá julgar o dicionário.

São conteúdos da separata do vol. VII:

Introdução — O indo-europeu e o eslavo — O indo-europeu: histórico, cultura e raça indo-européias; pátria primitiva; características gerais; classificação dos idiomas do grupo — O eslavo: considerações gerais; pátria primitiva dos eslavos; origens e expansão; civilização espiritual e material dos eslavos primitivos; classificação das línguas eslavicas; o eslavo meridional; o eslavo ocidental; o eslavo oriental; os alfabetos eslavicos e sua origem; expansão e delimitação dos alfabetos cirillicos; o alfabeto latino adaptado aos idiomas eslavicos; os vocábulos portugueses de origem eslavica (critérios de adaptação: histórico e etimológico); o auxilio da estatística na solução de alguns problemas lexicográficos; os lexicógrafos e a fixação das variantes; trasladação dos fonemas eslavicos e das suas combinações.

Vê-se, por esses títulos, como é a obra — ampla, profunda, minuciosa, documental — requisitos verificáveis ainda nos verbetes, como **boiardo**, amostra, e que pode ser assim resumido: pronúncia do vocábulo; variantes; definição própria, acrescida de “uma pequena digressão de caráter enciclopédico”; abonações (Bluteau, Constâncio, Eça de Queirós, etc.); definição em vista de extensão do sentido; comentários às variantes averbadas em diversos dicionários etimológicos estrangeiros; e etimologia de **boiardo**.

Uma observação fazemos e é essa com referência à divisão dicotômica das línguas indo-européias — **centum e satem** — que já não merece acolhida. Veja-se, p. ex., Vittore Pisani, “Studi sulla Preistoria delle Lingue Indoeuropee”, Roma, 1933, p. 551 a 567.

Na p. 167 da I sep., ao lado das formas **bolchevismo**, **bolchevista**, **bolchevizar**, que reputamos influenciadas pelo francês, devem-se acrescentar aquelas baseadas em **bolchevique**, i. é, **bolcheviquismo**, **bolcheviquista**, registradas por Figueiredo, “Dic.”, 4.^a ed. E não devem ser desprezados os decalques, como **maximalismo**, **maximalista**, assim também **minimalismo**, **minimalista**, correspondentes à base **menchevique**. Não são, na verdade, puros decalques; antes, sim, galicismos encobertos.

A obra é escrita com muito carinho, zelo, inteligência e competência, e a encarar todos os aspectos possíveis que possibilitam maior conhecimento dos elementos eslavos no Português, embora o seu número seja diminuto.

Com esse trabalho especializado, o A. “procura constituir um pequeno subsídio para a elaboração do futuro Dicionário Histórico Português”, na verdade um dicionário etimológico enciclopédico de que dão provas muitos verbetes do “Dicionário Etimológico” de Antenor Nascentes.

A. G. Cunha torna-se, com esta obra extraordinária e modelar, a maior (e única) autoridade em eslavismos, o que muito honra a Ciência da Língua brasileira.

Esperemos agora a publicação da parte final, que é o dicionário.

R. F. Mansur Guérios.

“DIFICULDADES E CURIOSIDADES LINGÜÍSTICAS”, Abdias Lima, ed. do A., Fortaleza, Ceará, 1954.

Trata-se de uma obra de português prático em 101 páginas, enriquecida por um índice em ordem alfabética. Seu autor — Abdias Lima — é diretor do mensário “Nosso Idioma”, editado em Fortaleza, revista que se destina à divulgação de vernaculidades, desde 1952. Sua obra anterior é “Questões e

Questiúnculas de Linguagem” (1952) e, em preparação, duas outras: “Paisagem dos Livros” (v. II) e “Lendo e Anotando a “Tréplica”.

Gente de gênio irritável, na opinião de João Ribeiro, é difficilmo que concordem os gramáticos em assuntos do que é ou não correto, porque de antemão não se definiu o conceito de correção e de erro, o qual conceito não deve encerrar-se no âmbito da gramática ou dos autores clássicos, mas confinar-se ou ambientar-se na própria vida humana, com a distinção fundamental entre linguagem oral e escrita e literária.

Pedimos vênia ao A. para algumas observações que julgamos necessárias: P. 33 — Com referência ao dual português, escreveu João Ribeiro: “De modo ideológico, podem ser considerados duais os nomes que exprimem dualidade de cousas: gêmeos, ceroulas, orelhas, calças, calções, e só por isso é que se apresentam com a forma de plural”. (“Dic. Gramatical”, 3.^a ed., 1906).

P. 35 — Xícara chegou do México ao port. através do espanhol americano xicara, que outrora se pronunciava como o atual português. Assim, representamos esse vocábulo com x em atenção à escrita e à pronúncia antiga, a qual pronúncia ainda hoje mantemos.

P. 39-40 — Concordamos com o A.: **Contrôle** com -o- tônico aberto; é esta a pronúncia mais generalizada. A pronúncia e escrita **contrôle** é devida ao “Pequeno Vocabulário Ortográfico da L. P.” da Acad. Bras. de Letras, 1943, mas ausente no “Vocab. Ortogr. Resumido da L. P.” (do decreto-lei n.º 8.286, de 5-12-1945).

Sabe-se que **contrôle** é vocábulo de proveniência gálica. Se entrou no port. pelos ouvidos, deve ser pronunciado como em França, i. é, com -o- tônico aberto, e assim também o verbo. Se entrou pelos olhos, há grave erro cometido pelas pessoas cultas que “sabem” pelo menos um pouco do francês ginasial.

É artificialismo a distinção que se faz entre **contrôle** (subst.) e **controle** (verbo). Em ambos os casos a pronúncia é uma só, com -o- aberto. Não recomendamos de jeito nenhum o **contrôlo**, que o A. aconselha ou recomenda a título de aportuguesamento.

P. 42 — Não é o lat. **caldu** que deu **cálido**, mas, sim, do lat. **calidu** proeio o lat. **caldu**, de que se fez o port. **caldo**. Este e **cálido** são ambos eruditos, mas **caldo** popularizou-se.

P. 47 — Não querendo negar que a sintaxe **namorar com** seja em S Paulo devido à influência italiana, conforme anota o prof. Silveira Bueno (“Jornal de Filologia”, v. I, n.º 1, p. 15), lembraremos, todavia, que J. L. de Vasconcelos no n.º 32 da “Rev. Lus.”, 1934, p. 284, registra tal sintaxe, vulgar “na linguagem de Lisboa, porém, sobretudo na de gente de pouca cultura”, “por analogia, diz o Mestre, com expressões como **ter** ou **andar de amores com**.”

P. 70 — Discordamos do A. quanto à pronúncia da expressão latina **maxime**. Deve ser proparoxitônica e grafada **máxime**, com que se evitará engano.

A pronúncia **maximé** deve ser atribuída à escrita (cf. p. 400 de “Frases e Curiosidades Latinas” de Artur Resende, 3.^a ed., Rio, 1936 — **maximé**), porém o acento agudo (ou mesmo grave e circunflexo) está aí como “sucédâneo” do acento da vogal longa latina.

P. 89 — Abdias Lima acha que a melhor fonte para explicar a locução **rir às bandeiras despregadas** é a que dá o colega Silveira Bueno. Infelizmente a explicação d’este não convence. O que não acontece com a do saudoso Lindolfo Gomes (“Rev. Filológica”, n.º 3, Rio, 1941), a qual é, de fato, con-

vincente. São suas palavras: "A origem da frase se prende, a nosso ver, a uma velha usança medieval observada em solenidades protocolares, como, especialmente, a da elevação de um novo Rei, quando se despregavam, isto é, se desfaldavam as bandeiras, após o pregão. Seguiam-se a êsse ato manifestações de grande alegria, interrompendo-se o luto oficial". Confirma-o um trecho da "Crônica d'El-Rei D. Duarte" de Rui de Pina, citado pelo mesmo folclorista. Acrescentamos que fato símile é ainda narrado, p. ex., na "Crônica de D. João III" de Francisco d'Andrada.

Tais observações não invalidam a obra, na qual se registram ainda várias curiosidades, porém mais do que tudo, ela se presta, de fato, aos fins elogiáveis almejados pelo dinâmico diretor de "Nosso Idioma".

R. F. Mansur Guérios.

"TAPEJARA" — Órgão do Centro Cultural Euclides da Cunha, Ponta Grossa, Pr., maio de 1954, ano IV, n.º 13.

O prof. Faris Antônio S. Michael, diretor dêsse periódico, é um dos esteios da cultura paranaense em terras pontagrossenses. Faz parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa e do Colégio Estadual Regente Feijó; tem publicado várias obras, entre as quais "Ensaio Contemporâneo" (1940), "Titãos de Bronze — Rítmos da América" (1943) e "Manual de Conversação da Língua Tupi" (1.ª série) (1951).

Deve-se principalmente a êle a fundação do "Centro Cultural Euclides da Cunha", de que é órgão "Tapejara", periódico em que colaboram numerosas figuras representativas das Américas.

O Centro, através do seu órgão, mantém vasto intercâmbio com tôdas as unidades da Federação, assim como com tôdas as nações americanas. "Herdeiros que somos da cultura ocidental, diz o prof. Faris, cumpre-nos preservar-lhe os valores dando-lhe, na medida do possível, maior relevo, senão acréscimo de tonalidades locais (que as há ricas e insuperáveis), porquanto é na variedade que melhor se evidencia o conceito da perfeição".

Consta êsse número do seguinte: "Aos Euclidianos" (Faris Antônio S. Michael), "Preliminar do Crime" (Dally Luís Wambier, secretário de "Tapejara"), "O Respeito e a Dignidade Pessoal" (Prof. Dr. Mário Lima Santos), "A Participação Indígena na Formação do Brasil" (J. F. de Almeida Prado), "Mi Poema" (Oscar Ponce de León), "Nuevo Mundo, Nuevos Hombres, Nueva Alma" (Constancio C. Vigil), "Etnología Argentina (Nélida Aurora Oviedo), "Descrição do Rio Amazonas" (uma página de Frei Caetano Brandão), "Sonnet", em inglês, (José Albano), "Edgar Allan Poe", em inglês (poema de Faris Antônio S. Michael), "Brasil" poema de Mário Mota), "Scrittori Flamminghi de Espressione Francese" (Mirtó Dall'Ongaro), "Artigas" (poema em espanhol de I. M. Gonzalez Barbe), "Polvo" (poema em espanhol de Ana de Gomez Mayorga), "Armando Alonso Piñeiro" (poema em esp. de José Ernesto Cacciavillani), "Cuzco" (Fanny Luísa Dupré), "Etnografía Brasileira e Língua Tupi" (transcrição de um parecer do senador Flávio Carvalho Guimarães), "Idea de Espacio, Materia y Tiempo" (Julio Anselmo Rica), "O Túmulo do Poeta" (Ottokar Hanns), "O Dia do Índio" (Guaracy Vieira Filho), "La Mujer ante la Humanidad" (Luísa Marienhoff), "História do Casamento no Brasil" (Isidoro João Brzezinski), "Livros em Revista" (Raimundo Maranhão Ayres), "A Nossa Formação Étnica" (Humberto de Campos), "Hino ao Dia Treze de Maio" (Carmo Gama), "Nós, Brasileiros, e a Economia Política" (Tte. Cel. Murilo T. Barros) "Letras, Artes,

Idéias Gerais” (Alvaro Augusto Cunha Rocha), “El Liberalismo Hispanoamericano de 1810” (Dr. Enrique de Gandía), “Gregório de Matos, Advogado da Liberdade” (Raul Gomes), “Galeria dos Jornalistas Pontagrossenses — Venino Pombo” (Atlântico Pombo), “O Sentido Profundamente Paranista das Obras Intelectuais de Andrade Murici” (Leonor Castellano), “Poesia” em esp. (Sérvulo Folgueras Dominguez), “A Voz do Povo” (Manuel Grott), “Mogy-Guassu ou Moji-Guaçu?” (José de Sá Nunes), “A Execução de Tiradentes” (uma página de João Ribeiro), “Hélio Chaves” (Daily Luís Wambier), “Meu Sonho de Amor” (Luís Otávio) “Aiuricana” (Jonas Silva), “Hyalmar Blixen, El Investigador del Pasado Indígena (Héctor Strazzarino), “Rubaiyat” (Omar Khayyam, tradução de Eno Teodoro Wanke), “A Paineira de Euclides” (Guilherme de Almeida), “Os Dezoito do Forte” (Schariffenberg de Quadros), “Inspiração (Tomás Bulhões), “La Crítica” (Carmelo R. Hernandez), “O Quilombo dos Palmares” (Inácio Accioli), “Amador Bueno da Ribeira, Quase Rei” (A. D.), “Prece Macabra” (Adalto G. de Araújo) e “Notas e Notícias Culturais”.

Nossos parabéns ao prof. Paris Michaele e aos seus companheiros idealistas, e fazemos votos para que “Tapejara” continue a contribuir para a difusão da cultura, elevando o nível intelectual de Ponta Grossa, e assim concorrendo também para a criação da sua Universidade.

R. F. Mansur Guérios

CRUZ I. FERNANDO: LA CUESTION HOMERICA. Universidad Nacional de Cuyo. Instituto de Lenguas y Literaturas Clásicas. Mendoza (Argentina) 84 págs.

Muchas son las cuestiones que la crítica y la historia literaria han suscitado en torno a la persona y a la obra de Homero: detalles de interpretación, de concordancia, de fijación de textos, atribuciones de obras secundarias, etc. etc. Pero “cuestión homérica” por antonomasia es la que se concreta a dos puntos esenciales íntimamente ligados; la personalidad histórica de Homero y la unidad de la *Iliada* y la *Odisea*, la de aquella sobre todo. Así planteada, la cuestión homérica surge desde muy antiguo, se puede decir que desde los orígenes de la crítica literaria propiamente dicha, y se ha renovado durante los siglos hasta nuestros días, alternando las posiciones pero siempre presentándose como “cuestión”. La antigüedad del primer poeta de Occidente y la nebulosa en que su persona y su obra nacen y se desenvuelven, imposibilitan por ahora una solución definitiva y absolutamente objetiva, una solución de argumentos históricos absolutamente valederos para cualquier criterio literario.

A falta de estos, todos los ambientes, las preocupaciones espirituales y literarias de cada época, han entrado en la cuestión afectándola de su propia manera de ver y sentir. En realidad la perspectiva histórica de la cuestión homérica muestra hasta qué punto ella ha venido a ser más que una pugna de argumentos y documentos históricos, un debate de interpretaciones subjetivas entre sucesivas concepciones de la obra literaria. Estas han sido siempre el punto de partida — consciente o no — de todo nuevo planteo o renovación de la cuestión homérica, y los argumentos, que luego se han lanzado por cada bando, pueden reducirse en el fondo, al menos en gran parte, a simples armas para defender el principio, en vez de ser instrumentos de pura investigación. Cada época ha enfocado la cuestión desde sí propia, desde sus vivencias, con lo cual la cuestión se le convertía como por ensalmo en una bandera: todo lo demás, argumentaciones, motivos, datos,

etc. venía como una contribución no sobre la cuestión homérica, quiero decir no sólo sobre ella, sino sobre la interpretación histórico-literaria que de ella se hacía. Hoy podemos ver con cierta claridad hasta qué punto en muchos trances, en varias épocas, se trataba más de una "cuestión de principios" que de una "cuestión de hechos".

Ha sido sin duda la oscuridad de esos hechos la que ha posibilitado los replanteos de la cuestión desde principios contrarios revirtiendo sobre los hechos. No queremos con esto desvalorizar "a priori" los argumentos presentados por cada estudioso de la cuestión, sobre todo desde el momento en que ésta se tomó con la seriedad científica exigida por la historiografía moderna; sólo indicamos el punto neurálgico, la raíz — sabida o no — de mucha batalla sobre la misma.

De ahí el interés de un estudio de las actitudes literarias y culturales que en cada época han determinado íntimamente, no digo que siempre absolutamente, un nuevo planteo de la cuestión homérica; una simple historia de las vicisitudes de la cuestión, argumentos en pro y en contra, no tiene tanto interés, para nuestra manera de ver las cosas, como una visión de la cuestión homérica, no desde ella, no desde su objetividad de cuestión, sino desde los "cuestionadores", desde su mundo interior, personal y social; ello representa matices nuevos para comprender la historia y la entraña de la cuestión: matices y visión que encajan perfectamente con el modo actual, al menos con un modo muy nuestro, de contemplar a la historia y sus problemas, a los historiadores y problematizadores, desde sus causas íntimas.

Tal es el interés capital que para mí tiene esta monografía del Dr. I. Fernando Cruz, Rector de la Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza — Argentina) sobre la cuestión homérica; pequeña, pero densa de ideas, de aciertos, de citas. Para conseguir la impresión de esas "ideas de época", hubiéramos deseado una exposición más amplia y más general de la posición típica de cada época, de sus concepciones de la obra literaria y las interferencias de las mismas en el planteo de la cuestión homérica.

El autor ha sabido recorrer y guiarnos por una maraña de autores y opiniones, de matices, de datos: no es de extrañar que se hayan saltado nombres y obras que no cabían en la exigüidad material de una monografía de tema tan amplio, y que por lo mismo se presta más a un estudio que a una simple monografía.

Al autor le hubiera, servido mucho el libro de Albin Lesky "Die Homerforschung in der Gegenwart" (Viena, 1952) que debía estar presente en esta segunda edición de su hermoso y concienzudo trabajo.

Y tratando de interpretaciones actuales ahí está el libro de Emile Mi-reaux "Los poemas homéricos y la Historia Griega" en que corre a sus anchas, a base de serias investigaciones históricas, el espíritu economista de nuestro momento, y también — por qué no? — el **propagandismo** de no poca de nuestra literatura actual que lo es de **compromiso** a una idea o a un interés de cualquier orden.

La poesía de Homero no pierde nada con estos nuevos aspectos que cada época descubre — a veces sólo "cree descubrir" — aplicándole sus propios sistemas, mientras no excedan de la objetividad, antes la hace ganar humanidad y perennidad agarrándola más a su propia realidad, realidad que es siempre para una obra literaria la única verdadera fuente de pervivencia y de influjos espirituales: realidad que a su vez va haciéndose y descubriéndose a sí misma, ampliándose con esa dialéctica de desenvolvimiento

que es lo que distingue los seres vivos de las cosas muertas: la obra artística es siempre una cosa viva.

Tómense como marginaes estas anotaciones al libro del Dr. Cruz y no como advertencias críticas que no caben en un estudio de la seriedad científica, de la madurez y poder sintético como el suyo: libro que será un magnífico orientador para todo el que, como especialista o como simple aficionado, se interesse por los estudios clásicos.

Guillermo de la Cruz-Coronado.

Gladstone Chaves de Melo — “Iniciação à Filologia Portuguesa” ed. da “Organ. Simões” — Rio — 1951 — 300 págs.

Dizendo modestas as pretensões de seu livro, Gladstone Chaves de Melo destina-o “aos professores de português que não puderam ter formação universitária” e aos “namorados da Filologia”. Entretanto, mesmo as pessoas especializadas nesses estudos poderão aí colher novas diretrizes para a orientação de seu ensino.

Sente-se, ao lê-lo, certo dogmatismo e insistência nas repetições, a natural vivacidade de quem não somente meditou os temas expostos mas também os veiculou em aulas. Aliás, declara o autor que seu livro pretende ser apologético.

O trato de alguns temas da “perspectiva histórica” está muito esquematizado. Mas como se trata de uma “iniciação” não há por que exigir-lhe mais do que aí se consigna. Como orientação, deve-se salientar, na parte geral, “a seleção e gradação bibliográfica”. Já faz muito em prol dos bons princípios filológicos quem, na imensa aluvião dos trabalhos publicados sobre temas de linguagem, faz a triagem judiciosa, como a do A., entre o joio e o trigo.

A “parte especial” se me afigura a mais importante do livro porque trata de problemas muito discutidos nem sempre, porém, com a serenidade e largueza de vistas que eles requerem.

Termina o A. com algumas diretrizes em que aponta os vícios de nosso ensino gramatical e o modo como se deve estudar a língua. Aí estão anatematizados com certa virulência os métodos antigos e os seus seguidores, “os charlatães”, os gramatiquinhos, os obsessos do erro e da gramática de bitola estreita”.

A linguagem do A. assim seu tanto violenta revela um espírito moço e idealista indignado ante a pasmaceira do “concorda ou não concordá” dos galicismos do tempo do Cardeal Saraiva, das definições sovadas e inexatas, da analogite crônica de uma parte; e de outra, dos mezinheiros dos consultórios filológicos, dos “sábios mestres” das colunas dos periódicos, das grahas com penas de pavão dos filólogos de subúrbio.

O mal é grande. Gladstone Chaves de Melo orienta e corrige com um desassombro que não tolhe a modéstia, pois reconhece, de saída, que seu livro também terá “lacunas e imperfeições”.

Não me abalanço a assim denominar as pequenas notas que em rápida leitura tomei. São, antes, modos diversos de ver os mesmos assuntos. Por exemplo:

Pág. 65 — Será por modéstia que não aparece aí o nome do A. entre os dos que contribuíram com estudos sobre a língua portuguesa no Brasil. Será ele deserdado, relegado a sua “A língua do Brasil”?

- Pág. 108 — Dentre as diversas leituras dos famosos “Juramentos de Estrasburgo” a de Clédat aí estampada parece-me uma das piores. É só cotejá-la com apógrafo da Biblioteca Nacional de Paris.
- Pág. 107 — “Para conhecer a riquíssima família etimológica a base de Roma”, seria bom citar ainda as “Apostilas aos dicionários portugueses”, de Gonçalves Viana (págs. 375-380 t. II).
- Pág. 135 — Prefiro ensinar aos meus alunos de filologia românica que o pretérito perfeito do subjuntivo do lat. literário desapareceu no latim vulgar. Sintática e morfológicamente o nosso futuro do subjuntivo corresponde ao futuro perfeito do indicativo. A desinência -o, da 1.^a pessoa do singular, desaparecida no português, por influência da analogia, existiu, contudo, no latim bárbaro da Ibéria e no espanhol antigo: *respondiero*, *amaro*, etc. lêem-se no poema do Cid.
- Pág. 208 — Veja-se a regra e o exemplo; não combinam: “O l e o n palatais se indicam por ni ou apenas n. Depois o exemplo: “Sennor fremosa”...
- Pág. 212 — A pergunta sôbre influência de substrato parece pressupôr transformação inflexível, mecânica, e esquece o fato de que a ação dos substratos se revela como *tendências*, dependentes de outros fatores: sociais, políticos, geográficos, etc. Como tendência, o influxo pode ser apenas parcial.

Sôbre os conceitos de “filologia” e “linguística” muito se poderia discutir. Não é ponto pacífico, portanto não importa dizer não concordamos integralmente com as distinções entre elas estabelecidas. Cada qual, pode, porém, com boas razões, defender seu ponto de vista.

A “Iniciação à Filologia Portuguesa” é um trabalho que veio, em boa hora, “levantar problemas, situá-los no quadro de idéias mais gerais e conduzir o leitor na pista da verdadeira solução.

Não haja dúvida, o A, alcançou plenamente o seu abjetivo.

O. P. R.

Leo Weisgerber: Von den Kräften der deutschen Sprache

Bd. I: “Die Sprache unter den Kräften des menschlichen Daseins”, 52 S.

Bd. II: “Vom Weltbild der deutschen Sprache”. 1. Halbband: “Die inhaltsbezogene Grammatik”, 267 S. 2. Halbband: “Die sprachliche Erschliessung der Welt”, 284 S.

Bd. III: “Die Muttersprache im Aufbau unserer Kultur”, 268 S.

Bd. IV: “Die geschichtliche Kraft der deutschen Sprache”, 256 S. Pädagogischer Verlag Schwann, Düsseldorf.

Die Werke des Bonner Sprachwissenschaftlers Leo Weisgerber sind eine Fundgrube, nicht nur fuer den Germanisten, sondern auch fuer den sprachlich angeregten Laien. Sie legen Rechenschaft ab von dem Stand der heutigen Sprachforschung, überprüfen und bewerten ihre Ergebnisse und sehen alle sprachlichen Grundtatsachen und Äusserungen im sinnvollen Zusammenhang mit den umfassenderen Deutungen des menschlichen Lebens. Weisgerbers Gedankengang, im Bestreben nach Abgewogenheit und Übersichtlichkeit, nach Vollständigkeit und Genauigkeit, ist der mit der Blickrichtung aufs Ganze, auf das gesamte Thema Philosophie und Theo-

logie der Sprache, bis zur Wertung des einzelsprachlichen Tuns. Aus der Sicht des Gesamtsprachlichen, neben zahlreichen sich aus dieser Themenstellung ableitenden Randfragen, ergeben sich fuer jede einzelne Sprache drei Selbstverständlichkeiten, begründet in ihrem Dasein: die Selbstverständlichkeit der Sprachwelt, der Sprachverwendung und der Sprachgemeinschaft. Am Beispiel der deutschen Sprachen würden diese Selbstverständlichkeiten heissen: Vom Weltbild der deutschen Sprache, Die Muttersprache im Aufbau unserer Kultur, Die geschichtliche Kraft der deutschen Sprache.

Mit seinen Untersuchungen und Ergebnissen setzt Weisgerber Wilhelm von Humboldts Ideen des muttersprachlichen Weltbildes und ihre Auswirkungen im Bereich der Sprachsoziologie in die Tat um und bringt sie zur gültigen Geltung: die Sprache ist nicht als "Ergon", sondern als "Energie" zu betrachten, d. h., die Sprache ist kein "Werk" sondern eine "wirkende Kraft". Sie ist also kein in sich ruhender Pol, sondern eine geistschaffende, sich immer erneuernde Kraft. Bei Humboldt heisst sie das "Umschaffen der Welt in das Eigentum des Geistes". Für Weisgerber ist damit das Zeitalter der Grammatik vorbei, wie er in seinem Werk "Das Tor der Muttersprache" schreibt: "Es gab eine Zeit, in der die Wissenschaft ihre Aufgabe erfüllt sah, wenn sie die Grammatik einer Sprache erarbeitet hatte; in der die Lehrerbildung zufrieden war, wenn sie dem künftigen Erzieher das Umgehen mit der Grammatik beibrachte, und in der die Schule gemessen wurde an der Geläufigkeit, mit der die Kinder grammatische Regeln und Verfahrensweisen beherrschten.

R. B.

HAITIAN CREOLE: GRAMMAR — TEXTS — VOCABULARY. Robert A. Hall, Jr. *The American Anthropologist*, vol. 55, n. 2, part 2, Memoir n. 74. American Anthropological Association, Menasha, 1953. 309 p.

Aqui está uma obra para a qual convém chamar a atenção de nossos romanistas e dos lingüistas em geral. Publicada como parte de uma revista de antropozia e simultâneamente por duas sociedades dedicadas a estudos antropológicos (The American Anthropological Association e The American Folklore Society), pode passar despercebida em nossos meios lingüísticos. É, entretanto, trabalho de grande interesse e de especial importância, porque descreve detalhadamente uma língua românica crioula e porque aplica, nessa descrição, o processo de análise desenvolvido pela moderna lingüística descritiva, inaugurada nos Estados Unidos por Leonard Bloomfield, e constitui, assim, um bom exemplo de análise fonêmica e morfológica de um material algo familiar aos romanistas.

Robert A. Hall Jr., que tem aplicado as técnicas descritivas modernas a várias línguas românicas, realizou o estudo do crioulo haitiano em conexão com o Projeto de Educação Fundamental da UNESCO no Haiti. Colaboraram com ele Suzanne Comhaire-Sylvain, H. Ormond McConnell e Alfred Métraux, os dois primeiros especialistas em crioulo haitiano, o último antropólogo dirigente do projeto da UNESCO.

Julgamos conveniente dar, a seguir, alguns tópicos da Introdução de Hall Jr., que apresentam informações interessantes:

"O crioulo haitiano é a língua nativa de quase todos os habitantes da República do Haiti, que somavam aproximadamente três milhões em 1944. Não é um dialeto do francês, mas uma língua independente, aparentada ao francês mais ou menos tão estreitamente quanto, p. ex., o italiano moderno ao latim" (p. 11).

“Na morfologia, o crioulo deve ser classificado com as línguas românicas, pois que tôdas as oito ‘partes do discurso’ típicas dos idiomas indo-europeus (substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e “interjeição” ou forma frasal mínima) devem ser distinguidas com base em critérios morfológicos e sintáticos; e as formas verbais se encaixam nas “conjugações” típicas das línguas românicas, e especificamente nas três características do francês (pal-é “falar” dôm-i “dormir”; bwè “beber”). Mas o sistema flexional do crioulo, comparado com o do francês normal, acha-se grandemente reduzido e é, em muitos aspectos, semelhante ao de línguas da África Ocidental (p. ex. no uso da prefixação na flexão verbal e na derivação)” (p. 11-12).

“Históricamente falando, a origem de sua estrutura deve ser procurada numa fusão dos hábitos lingüísticos dos senhores de língua francesa e dos escravos africanos, que eram sistematicamente espalhados pelas plantações para evitar que entrassem em contacto com outros escravos da mesma língua.

Os traços básicos da estrutura gramatical são os que são comuns tanto ao francês quanto às línguas da África Ocidental, com alguns peculiares ao francês e outros peculiares a falas do Oeste africano” (p. 13).

Além da Introdução (pp. 11-16), o livro compreende as seguintes partes: Gramática (pp. 17-71), Textos (pp. 72-221), Vocabulário — crioulo-inglês (pp. 223-265) e inglês-crioulo (pp. 266-309).

A. D. Rodrigues

GRAMÁTICA ELEMENTAR DA LÍNGUA POLONESA. Pe. José Joaquim Góral. Curitiba, 1953 118 p.

O padre Góral, que há anos publicara um dicionário das línguas português e polonesa (tomo I, *Diccionario portusuez-polono*, Curitiba, 1927; tomo II, *Sownik polsko-portugalski*, Curitiba, 1930) e uma gramática português para uso dos imigrantes poloneses (*Mała gramatyka języka portugalskiego*), bem como um manual de conversação (*Rozmówki polsko-portugalskie*), apresenta agora esta *Gramática da língua polonesa*, para uso dos brasileiros. Se as obras anteriores eram destinadas especialmente aos imigrantes poloneses que tinham necessidade de realizar rápido e seguro aprendizado do português, esta agora visa particularmente proporcionar às pessoas de língua português um conhecimento sistemático do idioma polonês. É um manual teórico-prático, em que se faz acompanhar cada lição de um pequeno vocabulário e de exercícios de aplicação, de tradução e versão.

Embora livro simples, baseado na gramática tradicional polonesa, com certas deficiências (principalmente no uso do português), constitui contribuição eficiente para todos os que queiram adquirir conhecimento da língua do mais numeroso grupo de imigrantes no Paraná, bem como para aqueles que desejem conhecer um idioma de tipo eslavo, especialmente eslavo ocidental.

A. D. Rodrigues